



ALGUNS ASPECTOS DO ESPAÇO VIVIDO NAS CIVILIZAÇÕES DO MUNDO TROPICAL*

■ JEAN GALLAIS

NESTE ARTIGO APRESENTO ALGUMAS IDÉIAS SUMÁRIAS SOBRE UM TEMA CUJA IMPORTÂNCIA E INTERESSE GEOGRÁFICO SE REVELARAM HÁ 15 ANOS QUANDO CONSTATEI A GRANDE DIFERENÇA OU, MELHOR DIZENDO, A DISPARIDADE ENTRE A PERCEPÇÃO DE ESPAÇO DOS DIFERENTES POVOS DE UMA REGIÃO AFRICANA E A MINHA VISÃO PESSOAL DE GEÓGRAFO EUROPEU NESTA MESMA REGIÃO. EM CONSEQÜÊNCIA DISSO, TENTEI, COM RELATIVO SUCESSO, COMPREENDER O CONTEÚDO E OS LIMITES DO ESPAÇO VIVIDO ATRAVÉS DO POVO PEUL EM DIVERSAS REGIÕES DE SEU ESPAÇO SUDANO-SAHELIANO. NA ÉPOCA, AS PESQUISAS REALIZADAS NA ÍNDIA, SOB A FORMA DE ESTUDOS SOBRE POVOADOS, E AS INFORMAÇÕES GERAIS COLHIDAS NO BRASIL DURANTE MINHA ESTADA NO NORDESTE, EM DISCUSSÕES SOBRE TRABALHOS GEOGRÁFICOS A RESPEITO DO PAÍS, ME OFERECIAM INTERESSANTES ELEMENTOS DE COMPARAÇÃO. O INTERESSE POR ESSE TEMA, EMBORA SEMPRE PRESENTE EM MEU ESPÍRITO, JAMAIS CHEGOU A UMA ABORDAGEM SISTEMÁTICA E EVOLUÍDA. POR ESTA RAZÃO FORMULO, COM CERTA PRUDÊNCIA, IDÉIAS QUE SÃO HIPÓTESES DE TRABALHO APOIADAS APENAS EM ALGUNS EXEMPLOS ALEATÓRIOS, MANTENDO-SE, ASSIM, EM UM NÍVEL DE CONCEITUAÇÃO INSUFICIENTE.

O ESPAÇO-PADRÃO DAS SOCIEDADES INDUSTRIAIS

Para melhor distinguir as peculiaridades do espaço vivido nas civilizações rurais tropicais, esquematizo, de maneira bastante simplificada, a concepção de espaço que predomina numa sociedade industrial. O espaço normalmente utilizado parece ser constituído de uma cadeia relativamente neutra de unidades quilométricas sobre a qual se desenvolve um emaranhado de diferenças e organizações de uso amplamente coletivo: infra-estruturas de transporte, centros de serviços, áreas industriais, conjuntos residenciais... A homogeneização da base, totalmente relativa, torna a repetir, deve-se a vários fatores.

1. *Uma certa identidade cultural* resultante da evolução progressiva, como no caso da Europa antiga, ou da

humanização padronizada de um espaço vazio, como no caso dos países novos, sobretudo anglo-saxões.

2. *Objetivação e standardização dimensionais* do espaço constituído pela sucessão perfeitamente regular de unidades idênticas, os quilômetros, por exemplo, que se repetem ininterrupta e infinitamente. Esta base conceptual do espaço está ligada, evidentemente, ao fenômeno de homogeneização cultural já mencionado: foi a Revolução Francesa, niveladora pela sua própria ideologia, que completou a aculturação local e regional e, ao mesmo tempo, forneceu o sistema da medida-padrão objetiva do espaço, o sistema métrico. Esta medida objetiva e padronizada” também resulta de uma evolução comparável da percepção do tempo. Numa sociedade rural antiga o tempo é acelerado ou retardado de acordo com os dias ou as estações do ano e não se deixa dividir a não ser em partes desiguais. Assim, Pierre Métais

observa que, para os melanesianos da Nova Caledônia,

o ano cultural compreende períodos que dão ao autóctone a impressão de serem longos (por exemplo, a escavação com chuva das encostas rochosas a 40 ou 50 cm de profundidade sob o sol já quente de setembro ou outubro) e períodos que se estendem da plantação à colheita do inhame, mais longos segundo nosso calendário, parecendo, entretanto, mais curtos por serem relativamente pouco penosos'.

A percepção do tempo monótono e regular, que se afirmou no decorrer da evolução produtivista e materialista da civilização ocidental, é condição funcional dessa evolução. Esta civilização industrial, através de suas invenções mecânicas, fornece, simultaneamente, as técnicas de uma medição objetiva, cada vez mais precisa, que se tornou para todos nós uma base existencial indispensável: sem calendário e sem relógio, o homem de nossas sociedades se perde na desordem do intemporal.

3. *A eficiência das técnicas de produção* elimina as especificidades do meio natural. Não quero dizer com isso que estas tenham desaparecido, mas os impulsos de ordem econômica são registrados sobre um gradiente cada vez maior de condições pedológicas, climáticas e topográficas, graças ao emprego de meios eficazes de rápida transformação da natureza. De modo geral, a concepção de espaço dos indivíduos das sociedades industriais enfatiza o elemento distância padronizada, sendo esta distância objetiva calculada cada vez mais pelo percurso-tempo do transporte de massa em veículos. Os esquemas de análise espacial contemporânea são ainda mais marcados por este escalonamento padronizado do espaço quando propostos pelos geógrafos dos espaços planos dos países novos ou aplainados pelo poder absoluto da ação industrial. A pesquisa sobre os níveis de organização regional, hierarquizados e comparáveis quanto à dimensão, e a formulação matemática são alguns dos aspectos desta percepção de espaço.

O ESPAÇO DESCONTÍNUO DAS SOCIEDADES TROPICAIS

Os indivíduos das sociedades tropicais pré-industriais, sejam elas rurais ou urbanas, movem-se dentro de um espaço por eles concebido de maneira bem diferente. Para eles o espaço e o tempo são constituídos, respectivamente, de lugares homogêneos e de períodos estáveis onde as alterações sofrem um nítido retardamento, parecem bloqueadas por um fenômeno de imobilização e separadas por cortes brutais que são os fins e os começos. Pode-se dizer que o africano tem apenas um senso restrito de continuidade pessoal no sentido de que não percorre uma série regular de dias e anos, mas pertence a uma classe de idade, situação estática que ele não troca por outra, a não ser em consequência de uma ruptura acompanhada de iniciação. Além disso, ele não concebe o espaço de maneira contínua.

Esta fragmentação do espaço resulta de vários fatos que são, de certa forma, os negativos das citações anteriores. A causa mais evidente da descontinuidade é a compartimentação sócio-étnica que limita em diversos níveis o espaço vivido. Na África, o povoado, a linhagem, a tribo e o grupo etnolinguístico fornecem à vida material, aos deslocamentos comerciais ou sociais, às trocas matrimoniais e às associações os possíveis escalões de referência. Assim Schwartz² observa que a sociedade Cuerê, a noroeste da Costa do Marfim, estabeleci da em povoado de uma só linhagem, não se limita a esse povoado. A abertura é provocada por dois importantes imperativos: o sistema matrimonial, segundo o qual o homem só pode casar com uma mulher que seja de outra linhagem, e a necessidade vital de opor ao inimigo uma frente unida. Num grupo vizinho, os Couro, o espaço socialmente vivido compreende três níveis essenciais: o território de caça comum à tribo; a área agrícola de superfície mais reduzida, domínio da linhagem dos camponeses; e um conjunto de mercados que, embora seja instituição marginal em relação à sociedade tradicional, não deixa de exercer influência paralela política e social. O espaço vivido dos Bwa, grupo étnico que vive de um

lado e de outro da fronteira Mali-Alto Volta, parece ser mais simples. Segundo Capron, os Bwa situam seu horizonte espacial em dois níveis, entre os quais não há solução de continuidade⁴: o nível privilegiado, o povoado e o nível étnico Bwa. Nessas organizações tradicionais o espaço vivido, em seu nível mais amplo, corresponde, freqüentemente, à área de segurança e de paz interna, seja ela uma proteção do Estado ou do clã.

Na Índia o espaço vivido resulta do entrelaçamento de três componentes que se situam em diferentes níveis dimensionais do espaço. A casta surge como comunidade espacial numa pequena parte do povoado, como no caso dos Veedhi cuja situação revela um certo status social, e num espaço regional mais ou menos extenso onde; de acordo com seu poder, desempenha uma função necessária, mas socialmente inferior (castas de artesãos) ou uma função dominante (castas de proprietários) de bens de raiz que controlam de modo prático a evolução econômica da região de casta⁵. O segundo elemento do espaço vivido é o povoado, considerado como unidade de relações intercastas institucionalizadas. É justamente nesse nível espacial elementar que se situam todos os tipos de relações entre indivíduos de castas diferentes. A área cultural (Talminad, Telingana, Maharashtra, Pundjab) apresenta eventualmente uma dimensão mais ampla na qual as instituições, a vida política e os deslocamentos são facilitados pela comunidade de línguas, pelas relações tradicionais entre castas claramente determinadas, pelas normas administrativas, na medida em que todas estas unidades culturais tendem a se cristalizar em Estados.

A DISTÂNCIA ESTRUTURAL _____

Sob a influência da compartimentação sócio-étnica e dos sistemas preferenciais de relações que acabam de ser mencionados, o espaço vivido é determinado por uma distância estrutural que não tem muita relação com a distância objetiva das sociedades industriais. Esta distância estrutural pode aumentar bruscamente a grande diferença que, através da

distância objetiva, parece insignificante. Ao descrever o delta interior do Níger⁶ expus detalhadamente as conseqüências da compartimentação sócio-étnica no nível infra-espacial como, por exemplo, os elos específicos que unem uma etnia a um dos elementos do meio (solo cultivável, savana de pastoreio, águas dos pesqueiros). Cada um desses elementos é determinado por organizações históricas, técnicas, sociais, de bens de raiz e religiosas que lhes são próprias, estranhas entre si, estruturalmente afastadas, embora vizinhas, ou superpostas dentro de uma percepção objetiva da distância. Por outro lado, certas situações espaciais, medidas pela escala da distância estrutural, se aproximam bruscamente. É o caso de numerosas organizações comerciais estabelecidas por certas etnias em diferentes regiões ou estados. No Camerun, entre o país Bamilekê tradicional de Bafoussam, as áreas de plantação que o grupo estabeleceu na região de Loum, e o terminal comercial e portuário de Douala, a distância estrutural para os Bamilekê é reduzida pela densidade das relações, das trocas e pela solidariedade efetiva. Em geral, esta distância estrutural diminui em todos os espaços migratórios organizados. Entre uma região de imigração e a cidade acolhedora a 1000 ou 1500 Km, a distância vivida é menor do que num centro regional onde a etnia não estabeleceu bases sólidas. Esta aproximação estrutural explica a enorme atração exercida na África pela cidade grande, integrada no espaço vivido de numerosas etnias, às vezes no nível exato de um bairro, mesmo que o centro secundário dessa cidade dependa apenas de uma ou duas etnias, talvez até estranhas aos campos circunvizinhos⁷. A atração exercida pelas grandes cidades africanas sobre um vasto Umland fica facilitada com a redução deste Umland à escala da distância estrutural. Quando não há compartimentação sócio-étnica no espaço vivido, o mesmo acontece com o camponês brasileiro de uma região de pequena classe dominante de camponeses, como o descreve Maria Pereira Queiroz⁸. Além de seu bairro, unidade de vizinhança centrada na igreja, o camponês dispõe de poucas coordenadas para perceber a extensão e calcular a dis-

tância: os bairros vizinhos ou afastados também são socialmente abertos e acessíveis ao imigrante, os parentes se dispersam sobre uma vasta extensão e a noção de região rural caracterizada e limitada é quase inexistente.

A DISTÂNCIA AFETIVA _____

O segundo aspecto importante consiste no seguinte: o espaço vivido é muito mais carregado de afetividade que o nosso. Esta afetividade não é apenas constituída pela amizade que os homens nutrem naturalmente pela região e pelo tipo de meio em que cresceram, mas é também reforçada pela movimentação do espaço, verdadeiro interlocutor. o animismo e seus cultos, isto é, as preocupações com a magia que conferem um valor maléfico ou benéfico a certos elementos ou direções do espaço, dão a esse mesmo espaço um conteúdo mítico. No país Guerê, a noroeste da Costa do Marfim fiquei impressionado com a intensa humanização da floresta através da ação indireta dos cultos e ritos em inumeráveis lugares, embora a região fosse pouco povoada. Tal humanização afetiva do espaço dos povoados no país Bwa é descrita por Capron:

o povoado e seus arredores imediatos formam o centro privilegiado da organização sócio-religiosa do espaço... Afastar-se do povoado significa entrar num mundo natural cujas forças não foram dominadas e cuja hostilidade não foi eliminada⁹.

De um lado, o povoado, domínio da segurança e da realidade, do outro, a mata onde tudo ainda é projeto e promessa. Este dualismo fornece a cada campo seu eixo orgânico; a extremidade próxima do povoado é vivida como prolongamento desse povoado, lugar de repouso para as refeições, posto de vigilância, local para ritos agrários e divisão das poses. Na extremidade oposta à borda do campo, o começo da mata é o ponto de partida dos trabalhos agrícolas cuja execução segue sistematicamente uma marcha simbólica em direção ao espaço humanizado e seguro do povoado. Nas civilizações localizadas à margem dos grandes rios, o animismo dá aos

diversos elementos ou trechos da hidrografia valores bem diferentes: águas proibidas, águas exploradas segundo certos ritos, águas livres... É o caso dos pescadores do médio Níger, Bozo, Sorgho, ou dos caboclos das margens do Amazonas. No povoado da Unagatha em Andhra Pradesh (União Indiana) as preocupações com a magia são muito rígidas para qualquer deslocamento: não se viaja para o leste na segunda-feira nem no sábado, para o sul na quinta-feira, para o norte na quarta-feira, e para o oeste na terça-feira. Cada conhecedor de uma civilização pré-industrial pode evocar imediatamente chaves rituais e efetivas semelhantes. Essas chaves, mais precisamente, abrem apenas o espaço fechado tradicional, além do qual o homem se angustia diante da impressão de vazio, de irreal, e diante da falta de apoio afetivo. O homem só consegue escapar desta profunda nostalgia, como, por exemplo, a saudade do caboclo brasileiro desenraizado, quando recria em um meio neutro e vazio seus próprios mitos. Daí a reconstituição freqüentem ente exagerada das culturas tradicionais no meio urbano, o supertribalismo dos emigrados.

Este espaço tradicional, limitado por uma distância afetiva reduzida, pode incluir regiões longínquas, atualmente não habitadas pelo grupo, mas efetivamente aproximadas pela conservação dos laços animistas. Este aspecto tem importância geográfica essencial na medida em que esta aproximação estimula a migração a reocupar a terra perdida, se as condições o permitirem. Depois de vários séculos de exílio, a migração atual dos Dogon na planície do Séno é rigidamente orientada pelas tradições dos clãs que mantiveram a lembrança exata das localidades, dos ritos e das possibilidades do país perdido¹⁰.

A DISTÂNCIA ECOLÓGICA _____

Enfim, parece que nas sociedades tropicais pré-industriais o espaço é percebido e vivido em relação a uma certa distância ecológica. O homem vê a natureza através de um prisma seletivo que confere uma distância ecológica real ao que, aos nossos olhos, não passa de gradiente insignificante. Para o geógrafo

objetivo, a Amazônia é uma planície baixa, monótona, de cobertura vegetal muito uniforme e condições climáticas comuns. Entretanto, o amazense vê variedade nos tipos de esteiros: vários termos possuem valor geográfico para uma mesma classificação. Uma diferença de nível de um ou dois metros é suficiente para diferenciar os meios, mudar o tipo de floresta e, portanto, os recursos essenciais da região resultantes da colheita¹¹. Para o asiático do Extremo Oriente o espaço plano só é concebido e percebido numa camada topográfica muito limitada. Charles Robequain não diz que no Than Hoa a montanha começa na curva de nível de 15 metros?¹². Pierre Gourou emprega esta noção de distância ecológica ao escrever sobre o delta do rio Vermelho: “Alguns decímetros a mais e estão os diante de um país que não pode cultivar o arroz no inverno, onde os povoados se ampliam e as casas se dispersam¹³”.

O reconhecimento desta visão subjetiva, inevitavelmente imperfeita para um estrangeiro, pode ser facilitado pelo vocabulário tradicional de valor geográfico, revelador dos prismas utilizados. Os Peul de Futa Ojalon (Guiné) dispõem de 9 termos para descrever uma encosta segundo sua inclinação e sua posição em relação à base e de 10 termos para designar lugares segundo o tipo de sua vegetação e da vegetação circundante - uma preocupação de pastores montanheseiros. No caso dos Sambara (Mali), que cultivam com enxada as savanas sudanesas, a riqueza vernácula dos termos pedológicos é tão complexa e exata que foi utilizada pelos agrônomos da Administração do Níger, após verificarem sua correspondência científica precisa. Essa classificação baseava-se na granulometria e na homogeneidade do material, e um pouco na resistência mecânica e na fertilidade dos solos em função da tecnologia empregada. Na mesma região, os Peul distinguem apenas cinco tipos de solos segundo a cor: classificação menos precisa e pouco funcional dos criadores de animais, medíocres manejadores de enxada.

É também através de um prisma escalonado segundo as distâncias ecológicas que os habitantes de um mesmo grupo, dispondo de vários meios objeti-

vamente próximos, os selecionam e os organizam dentro de seu espaço vivido. Os exemplos são inúmeros. O povoado de Zengoaga no Camerun dispõe de uma área de contato floresta-savana¹⁴. A savana, domínio afetivo das mulheres, é densamente vivida, suas plantas e solos são bem conhecidas, e suas terras suportam o essencial das culturas tradicionais. A floresta, domínio da caça para os homens, é pouco conhecida, pouco cultivada e só se integra ao espaço vivido através das culturas recentes. Se, por um lado, como no caso dos Dogon, a distância ecológica entre o planalto de grés e a planície arenosa é diminuída pela aproximação afetiva, já mencionada como motor da migração, para certos montanheseiros do Camerun do Norte, em situação geográfica semelhante, ela é efetivamente aumentada. Boutrais¹⁵ considera este componente do espaço vivido como uma das causas da volta de certas etnias que se haviam aventurado na planície. Existe um contato direto permanente e de base plana entre o montanhês e o sobrenatural que o cerca. A familiaridade com os ancestrais e com o invisível complementa a familiaridade com o meio natural, com as rochas e com o ciclo vegetal do milho. Por intermédio dos ancestrais, a montanha é uma área humanizada, ao contrário da planície. Uma percepção ainda mais dualista e maniqueísta predomina na concepção de espaço dos habitantes de Bali. De um lado encontra-se Kélod, que significa tudo que está perto da orla, do mar, da planície litorânea, da influência islâmica introduzida pelos marinheiros javaneses, do demônio e do mal; do outro lado Kaja, o antigo Bali hinduísta, seu panteão, confundido espacialmente com a montanha e o Desá, comunidade sócio-religiosa¹⁶. Tais exemplos de dualidade são numerosos. Entretanto, a evolução pode reduzir certas distâncias ecológicas. As mudanças de técnica, a pressão demográfica e o enfraquecimento dos ritos abrem alguns meios. Tais mudanças podem ser observadas no país Mossi na região de Koupéla, onde os terrenos baixos e úmidos, até então afastados, tornam-se mais familiares aos camponeses que aí cultivam arrozais e pomares. Contudo, a redução da distância

não é igual para todos e, assim, o grupo social politicamente dominante é que desfruta das vantagens econômicas¹⁷. Para os camponeses Haoussa do Gulbi de Maradi, descritos por Mainet e Nicolas, a nova história da ocupação agrária oscila entre Jiggawa, o planalto das dunas, terreno das culturas tradicionais, milho e amendoim, onde os chefes de cultura praticam ritos agrários, e Fadama, o vale arborizado, refúgio no período de insegurança, domínio dos pescadores, dos caçadores e dos oleiros, que reproduzem com argila as divindades aquáticas, e, recentemente, terreno das culturas de vazante. Em consequência dessas globalidades antagonistas, deslocar o habitat e as atividades de um meio para outro ocasiona certos problemas que não são apenas técnicos¹⁸.

Adicionemos este agravante: a distância ecológica dentro de um mesmo espaço e para um mesmo grupo pode variar segundo as estações do ano. É esta grande desordem que Evàns-Pritchard¹⁹ observa no país Nuer, sobre o alto Nilo. Seus comentários podem ser aplicados ao conjunto da África sudanesa. A estação seca homogeneiza o espaço, facilita seu percurso e reduz a distância ecológica, enquanto a estação das chuvas o fragmenta: pântanos inundados, cheia de grandes rios cuja travessia se torna difícil e áreas de cultivos que se alternam com regiões vazias infestadas de feras. O espaço se diversifica e se torna pouco penetrável.

ESPAÇO VIVIDO E MUDANÇA

De todos esses aspectos do espaço vivido nas sociedades tropicais que acabam de ser mencionados, a antiga Europa conserva alguns resíduos locais ainda bem vivos; mas a homogeneização e o escalonamento objetivo e padronizado do espaço os recobrem progressivamente e não admitem seu reaparecimento a não ser nos domínios anexos ou gratuitos. Nas sociedades tropicais pré-industriais, a combinação das distâncias estruturais, afetivas e ecológicas introduz um espaço vivido de grande riqueza e de inesgotável variedade. Estas medidas sofrem violentas distensões: verdadeiras rupturas do espaço socialmente vivido que podem ser comparadas à parede, concebida

pelos psicólogos “como uma separação brusca que diminui inevitavelmente a importância dos fenômenos que estão além deste marco em relação aos que estão aquém²⁰”. Parece-me que a pesquisa destes limites e a análise de seu significado devem ser realizadas por meio de uma abordagem subjetiva adaptada às culturas e civilizações regionais.

Esta afirmação suscita um duplo problema: em primeiro lugar, o da contribuição específica do geógrafo para a análise do espaço vivido, onde é freqüentemente precedido pelo sociólogo, etnólogo, ou psicólogo e, por outro lado, o da relação entre espaço vivido e espaço geográfico clássico. Simplificando, talvez excessivamente, digamos que os pesquisadores das ciências humanas se limitam à representação do espaço feita por um grupo particular num dado momento. Eles pouco consideram, ou pelo menos insuficientemente para o geógrafo, a margem de desenvolvimento, a possibilidade de transformação, a reserva espacial disponível e o aparecimento eventual e desordenado de um elemento geográfico a partir dessa reserva²¹. A geografia, digamos clássica, descreve minuciosamente o espaço e tenta esclarecer as relações entre os seus diversos elementos segundo os conceitos universais. O geógrafo analista do espaço vivido se empenha em observar a realidade através do uso simultâneo de dois pontos de vista. É possível que a visão estereoscópica que ele venha a obter lhe permita ajustar aos fatos o relevo que lhes é conferido pelas sociedades regionais e reter na mente sua totalidade e no espírito as múltiplas disposições diferentes que a evolução pode tornar viáveis ou desejáveis. Esta ponderação lhe permite fundamentar com maior segurança a pesquisa das relações e compreender, definitivamente, com maior precisão, como os indivíduos usam a natureza. Para um geógrafo preocupado com o desenvolvimento, ou melhor, com as modalidades espaciais da inovação e da difusão do desenvolvimento, o espaço vivido de cada indivíduo ou de cada grupo corresponde à área das mudanças que têm valor exemplar. É justamente dentro dos limites que cercam sua própria modalidade, suas relações sociais, a extensão de suas informações e sua geografia afetiva, que o homem das sociedades rurais tradicionais considera um fato novo como exemplo eventual. O espaço

efetivamente vivido fornece a infra-estrutura das possíveis influências. As possibilidades de aceitação de um modelo proposto dependem muito mais das distâncias estruturais, afetivas e ecológicas, freqüentemente inter-relacionadas, que separam cada indivíduo deste modelo, do que das vantagens econômicas objetivas. Na análise do espaço vivido, parece-me possível encontrar, ou pelo menos deve-se procurar, um contrapeso que seja útil tanto às visões tecnocráticas quanto aos novos métodos de análise espacial.

NOTAS

* Publicado originalmente como Quelques Aspects de L'Espace Vécu dans Civilizations du Monde Tropical, *L'Espace Géographique*, 5 (1) 1976. Traduzido e publicado no Boletim Geográfico 35 (254): 5-13 jul-set. 1977.

- 1- MÉTAIS P. Les durées sociales mélanésiennes et leurs transformations. *Perspectives de la sociologie contemporaine*. Paris: PUF, 1968, p.241-267.
- 2- SCHWARTZ A. *Tradition et changements dans la société Guéré* (Côte d'Ivoire). Paris: Mémoires ORSTOM, 1971.
- 3- MEILLASSOUX C. *Anthropologie économique des Couros de Côte d'Ivoire*. Paris: Mouton, 1964.
- 4- CAPRONI. *Communautés villageoises Mali-Haute-Volta*. Paris: Musée de L'Homme, Institut d'Ethnologie, 1973. *Sobre estas questões de GALLAIS 1. et de COLBÉRY L. Villages d'Inde centrale (Andhra-Pradesh)*. Publications de l'Université de Rouen, j 972. *L'oeuvre magistrale de Louis*.
- 5- DUMONT. Homo hierarchicus. NRF, 1966, aborde malheureusement peu l'organisation spatiale.
- 6- GALLAIS, J *Le Delta intérieur du Niger*. Etude de géographie régionale. Dakar. Mémoires de L'IFAN, 1968.
- 7- Caso muito freqüente na África sudanesa ou sudano-florestal onde os centros urbanos se-

cundários são dominados pelas etnias ou pelas castas tradicionalmente comerciantes e de origem setentrional.

- 8- PEREIRA DE QUEIROZ Maria Isaura. Le paysant brésilien traditionnel et la perception des étendues. *Perspectives de la sociologie contemporaine*, op. cito p.269- 287.
- 9- CAPRON J. op. cito p.276.
- 10- GALLAIS]. *Pasteurs et Paysans du Courma*. La condition sahélienne. Paris: CNRS, 1975...
- 11- VERGOLINO DIAS C. e GALLAIS]. Contenu et limites de la régionalisation en Amazonie. *La régionalisation de l'espace au Brésil*. Bordeaux: Colloque CNRS, 1968.
- 12- ROBEQUAIN Ch. *ú Than Roa*, étude géographique d'une province annamite . Paris: 1929.
- 13- GOUROU P. *ús paysans du Delta tonkinois*. Étude de géographie humaine. Paris: reimpression Nouton, 1965, p.20.
- 14- TISSANDIER]. *Zengoaga. Étude d'un village camerounais et de son terroir au contact Jorét-savane*. Yaoundé: Centre ORSTOM, 1966.
- 15- BOUTRAIS J. *La colonisation des plaines par les montagnards du Nord du Cameroun* (Monts Mandara). Paris: Mémoires ORSTOM, 1973.
- 16- SCHRIEKE B. *Indonesian sociological studies*. The Hague, 1955-1957.
- 17- LAHUEC J. P. Zaongho. *Étude géographique d'un village de l'Est Mossi*. Ouagadougou: Centre ORSTOM, s.d.
- 18- MAINET G., NICOLAS G. La Vallée du Gulbi de Maradi. Enquête socio-économique: Niamey, IFAN-CNRS, *Document des Études Nigériennes* n°. 16
- 19- EVANS PRITCHARD E. E. *Les Nuer*. Description des modes de vie et des institutions politiques d'un peuple nilote. Paris: Gallimard, 1968, Trad. fr.

- 20- MOLES A. A. et ROHMER E. *Psychologie de l'espace*. Paris: Casterman, 1972, p.32.
- 21- Afirmações gerais injustas em relação a vários sociólogos e etnólogos que têm grandes preocupações geográficas.